

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ANNA BROCKES

1852-1940

(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

Resumos comentados

Os textos de Anna Brockes giram, muito criativamente, ou em torno de gente pobre do interior do Brasil e/ou de animais. Podem ser fábulas ou simplesmente narrativas, contudo todos possuem caráter instrutivo para crianças. As histórias, que neles se desenrolam, embora de início sempre criem no leitor a expectativa de um final moralizante, quase nunca o oferecem. Pelo meio da narração já a leitura vai se desautomatizando e, ao chegar ao final, a expectativa criada, alimentada pela tradição, é esvaziada, pois fica em evidência que as “lições morais” esperadas não passam de construções culturais, as quais não acham nem justificativa nem legitimidade nas leis da Natureza (humana e animal), que se mostra crua e violenta.

No texto *O bem paga-se com bem?*, um jovem anda pela chapada árida e encontra um jacaré jovem sob o sol inclemente e salva-o, levando-o até o rio longínquo. Mais tarde, já adulto, este indivíduo encontra-se às margens do mesmo rio, precisando atravessá-lo, mas não tem como fazê-lo. Quando está prestes a

desistir de seu intento, eis que um jacaré lhe aparece no rio, identificando-se como sendo aquele animalzinho, que fora outrora por ele salvo, e oferece-se para o fazer chegar à outra margem. Convencido das boas intenções do bicho, monta em suas costas e deixa-se arrastar pelas águas. Mas, ao contrário do que imagina, o jacaré não o conduz à outra margem, continuando a nadar pela correnteza. Então, o indivíduo pergunta-lhe, se o bem não se pagaria com o bem? Ao que o jacaré lhe retruca que irá fazer a mesma pergunta às três primeiras criaturas que encontrarem. Se elas lhes responderem afirmativamente, ele será conduzido à outra margem, se não, ele morrerá. A primeira criatura a ser encontrada é um touro magro e doente na lama da margem. O jacaré faz-lhe a pergunta. O touro conta um pouco de sua vida, o suficiente para responder não: o bem não se paga com o bem! Mais abaixo, deparam-se com um cavalo velho. O jacaré faz-lhe a mesma pergunta. Também o cavalo traz à baila alguns episódios de sua vida, que o levam a declarar: "não, o bem não se paga com o bem!" A terceira criatura a ser encontrada é uma raposa e o jacaré repete a pergunta. A raposa, a fim de ajudar o rapaz, faz-se de surda e obriga o jacaré a se aproximar mais e mais da margem, para se fazer ouvido. Quando já está a uma pequena distância, o rapaz salta para terra e o jacaré, sentindo-se enganado pela raposa, jura vingar-se. Mas a raposa finória volta-se para o rapaz e afirma: "O bem paga-se com o bem! Qual é a minha recompensa?" E o rapaz promete-lhe dois frangos bem gordos e abala para seu compromisso. Passado tempo, sem ter recebido a recompensa, a raposa encontra no mesmo lugar o jacaré com aparência de morto. Desconfiada, rodeia o animal e testa-o para ver se, de fato, não está vivo. E, de novo, o jacaré cai na armadilha da raposa e mexe-se, mas a raposa já fugira a tempo de salvar-se.

Na narrativa *O cego e o coxo* (Der Blinde und der Lahme), os protagonistas são dois amigos pobres em época de escassez. Diante das necessidades, resolvem se ajudar mutuamente. O cego, sabendo

onde encontrar carne nas pastagens longínquas, carrega o coxo nas costas. É este, porém, quem leva a faca. Mas o primeiro animal, que aparece, é um touro enorme, além das forças do cego. Todavia, na rabeira da manada, uma novilha indefesa acaba abatida. O coxo faminto e ávido logo apanha lenha seca, faz uma fogueira e assa um pedaço de carne para si. Ao sentir o cheiro bom, o cego queixa-se de não ser considerado. Também ele está esfaimado. O coxo, para não ter mais trabalho a preparar outro naco de carne, olha em volta e, ao ver uma rã morta, pega-a, assa-a e oferece-a ao amigo, que lhe morde a carne duríssima e as glândulas, que estouram, respingando o conteúdo em seus olhos sem vida, curando-os. Mas, justamente, quando este, conseguindo ver, percebe que se trata de uma rã e não de um naco de carne bovina, enfurece-se e agride o amigo. E, durante a agressão, o fogo se espalha pelo capim seco em volta e, quando se dão conta do perigo, a situação é grave. O antigo cego corre e salva-se. O coxo vê a morte diante de si, porém, no esforço por escapar ao fogo, acaba por resgatar a flexibilidade das pernas.

A narrativa *Cabe ou não cabe?* gira em torno de Joãozinho, um indivíduo que não cresce, se desespera e pede a Deus um milagre – o milagre de o fazer crescer igual às outras pessoas. Mas Deus impõe-lhe uma condição: manda-o pegar um saco, ir até o ribeirão e prender a sucuri, que lá mora, colocando-a dentro da sacola.

Joãozinho dirige-se ao ribeirão, abre a boca do saco em frente à abertura da toca da sucuri, e fica repetindo sem parar a pergunta: “cabe ou não cabe?”

Ao ouvir a pergunta, que não para, a sucuri sobe do fundo da toca, querendo saber o que está acontecendo. E o rapaz explica-lhe que sempre ouvira dizer que ela era enorme e, portanto, ele tinha dúvidas, se ela caberia naquele saco. A sucuri, então, trata de tirar as dúvidas de Joãozinho e vai entrando devagar no saco, acomodando o seu enorme corpo. Quando ela já está toda lá dentro, Joãozinho fecha a sacola e grita: “cabe!” Feliz, Joãozinho apresenta a Deus a tarefa

cumprida e espera que Deus o faça crescer. Mas Deus olha para ele e explica-lhe que o que ele fez é mais do que qualquer um faria e pede-lhe para ele se esquecer do seu tamanho e se aceitar como é.

A narrativa *Os dois cegos* (Die beiden Blinden) trata de duas criaturas cegas, que pedem esmola na porta da igreja matriz de uma cidadezinha brasileira de Goiás, e que tecem comentários sobre sua miséria e solidariedade mútua. Um dos passantes, ouvindo a conversa dos dois cegos, sensibiliza-se e, para testá-los, declara ter-lhes dado uma nota de 50 mil réis, pedindo que repartam a esmola fraternalmente, como haviam acabado de dizer. Então, começa uma briga, em que uma insuspeita desconfiança se instala de modo avassalador, levando o homem "generoso" a retirar a esmola dada. Abatidos pelo sucedido, os cegos decidem suicidar-se, atirando-se de uma ponte. De repente, ouve-se o barulho de um corpo caindo na água. Um dos cegos, então, exclama: "De ti estou livre". Ao que o outro retruca: "De meu corpo estou livre, mas minha alma está aqui!" Ao ouvir isto, o primeiro foge dali, acreditando estar na presença do espírito do parceiro. Este segue-o e os dois acabam, de novo, à porta da igreja, pedindo esmola e se odiando.

Na fábula *Os cupins e a cascavel* (Termiten und Klapperschlange), há toda uma dissertação inicial sobre a evolução das casas dos cupins no seu processo de adaptação às circunstâncias naturais: chuvas torrenciais, incêndios, tatus, tamanduás. Depois de muito esforço na reconstrução, que se segue a cada ataque, um dia uma cascavel olha a casa dos cupins ainda aberta e ali se instala, tomando, assim, posse do que pensa ser uma toca. Mais tarde, o tamanduá, lembrando-se do belo jantar, que ali saboreara, resolve voltar e repetir a refeição. Mas, ao colocar o enorme nariz dentro da toca, ouve um ruído nada acolhedor e logo se retira. E é desta forma que os cupins decidem conviver em parceria com cascavéis, pois estas os protegem.

Também na narrativa *Como o Tio João virou feiticeiro* (Wie Tio João ein Zauberer wurde), Anna Brockes demora-se a configurar a paisagem do interior brasileiro e a desenhar a figura do conhecedor de ervas e raízes silvestres, que curam doenças. Tio João é generoso e a todos acode. Em paga, costuma receber o que cada um lhe pode dar. Assim, ele próprio se sustenta. Porém, nem sempre há paga. Muitas vezes, Tio João não recebe nada pelo seu trabalho. E, então lembra-se de um outro colega de uma outra cidade. Este não aceita um “Deus lhe pague”, porque assim como ajuda, também sabe prejudicar quem não lhe paga. Ele é um feiticeiro.

Num dia em que os habitantes da cidadezinha fazem um mutirão para limpar a roça, Tio João não comparece e vai colher raízes e ervas e também observar os outros. Mas, no ataque a um tatu, Tio João é atingido e fica muito machucado, o que causa remorsos em todos, os quais não mais deixam de lhe pagar.

Em *Padrinho diabo* (Gevatter Teufel), Anna Brockes volta ao sertão, aos seus habitantes e às suas crendices. Conta ela que, uma vez, uma família numerosa, ao ter mais um filho, não encontrou ninguém sobrando para batizá-lo. O pai, incomodado com as aflições da mulher por não haver padrinho disponível para a criança, vocifera: “Que seja o diabo!” Um belo dia, aparece no lugarejo um forasteiro, que, inteirando-se das aflições do casal, oferece-se para lhe batizar o petiz. Os pais ficam muito agradecidos e, quando o padre chega, para proceder às coletivas cerimônias sagradas, o batismo acontece dentro das normas. E, então, o padrinho continua sua viagem. Como as bocas são muitas e falta comida, o pai decide fazer uma roça de milho. E, no meio do trabalho, a certa altura, ouve atrás de si uma voz que se lhe dirige, chamando-o compadre. E esta personagem misteriosa, o padrinho da criança mais nova, ajuda de maneira mágica a fazer a roça, a plantar o milho e a fazê-lo crescer viçoso e abundante. Perto da colheita, porém, impõe uma condição. O pai só deve começar a colhê-lo, depois que ele der autorização. Com tudo

ele concorda. Mas a mulher começa a cobiçar as espigas verdes, que dariam um bom assado, saborosos bolos e outros doces, e não descansa enquanto não se dirige à roça, pronta a colher algumas espigas. Ao chegar lá, porém, a voz do compadre faz-se ouvir e logo ele lhe promete que ele mesmo apanhará as espigas e as entregará em casa. Ela vai-se e espera, e espera e o compadre não aparece. Então, o marido dirige-se de novo à roça e, para seu espanto, a roça está destruída. O compadre aparece e pergunta divertido: “Você não quis o diabo para padrinho?”